A SOCIEDADE CIENTÍFICA E O IMPÉRIO DA LÓGICA IRRACIONAL

Fernando Magalhães*

A sociedade científica se apresenta ao público como aquela que elevou a qualidade de vida do trabalhador. Será que isto realmente aconteceu?

O autor mostra como houve uma fetichização do conhecimento científico, e o que parecia pura racionalidade resultou num irracionalismo tecnológico, que perpetua a alienação do indivíduo. A manipulação continua, pois o sistema de valores do mundo tecnológico está desvinculado de um compromisso humanitário. Nem o "tempo livre" da era tecnológica consegue elevar o modelo de vida do homem. Pelo contrário, acumula o seu tédio, o seu vazio da vida e cria uma sociedade unidimensional. Uma sociedade de mão-única. A suprema irracionalidade do espírito capitalista é justamente a "deusa tecnologia". E o A. se pergunta então qual é o lugar da filosofia nesta nova realidade em que o "elogio da loucura" é substituido pela "apologia do tecnologismo".

Já se tornou supérfluo afirmar que, na época do capitalismo avançado, o poder está concentrado nos domínios da tecnologia e da informação automatizada. O automatismo moderno, ao emprestar um novo tipo de racionalidade ao conhecimento, teria imposto à sociedade uma série de modificações estruturais nas relações econômicas e sociais que elevaram a qualidade do padrão de vida do trabalhador.

* *Fernando Magalhães, é professor do Departamento de Filosofia da UFPE.*

Essa opinião não se encontra restrita aos segmentos dominantes ou vinculados aos principais centros de decisão, mas é compartilhado também por parte de setores críticos da sociedade. A visão "modernista"[1] que decorre dessa compreensão traz profundas implicações para o futuro das relações não apenas de trabalho, mas entre os homens, de modo geral.

A fetichização do conhecimento científico - um novo tipo de doença "*erasmiana*", onde o elogio da loucura é substituido pela "apologia do tecnologismo" - na medida em que inverte a escala de valores dominantes na sociedade (os meios técnicos se transformam em fins em si mesmos), introduz uma modalidade utilitarista extremada nessa mesma sociedade que suprime toda relação consciente entre os homens, nascendo no seu vácuo, uma outra relação inteiramente instrumentalizada. Em consequência, a relação sujeito-objeto é alterada na sua própria essência, e o objeto, sobrepondo-se ao sujeito, adquire uma natureza quase *animista*, inaugurando uma nova fase que Vico (ou Comte) poderia chamar de um "novo ciclo teológico da história".

A história parece renascer de uma forma diferente, uma espécie de nova infância. Mas como Marx já observara, não existem condições para que esta se repita[2] nas circunstâncias atuais, o que nos leva a pensar que trata-se de um renascimento perverso, desnaturado, desvirtuado de sua própria essência - o homem.

[1] *Utilizo o termo "modernismo" no mesmo sentido já expresso por um filósofo francês recentemente falecido, em oposição ao termo modernidade, que caracteriza a reflexão crítica e a indagação. Cfr. Léfèbvre, H., Introduction a la Modernité. Paris, Éditions de Minuit, 1962, pp. 9 e 10.*

[2] *Marx, K., Contribuição à Crítica da Economia Política, São Paulo , Martins Fontes, 1977, p. 229.*

Conhecimento Técnico : razão subordinada, ética desvalorizada.

A inauguração (ou reinauguração) de um modo de vida moderno, tem, no conhecimento científico, a sua "teologização". Ela impõe à sociedade uma espécie de racionalidade diferente da que se conhecia anteriormente, muito embora a nível ideológico mantenha a sua correspondência. Vale dizer, que no lugar da velha racionalidade econômica ergue-se a denominada racionalidade técnico-científica, ou, em outros termos, *o irracionalismo tecnológico* do capitalismo avançado.

A (des) razão superestrutural toma, de vez, o lugar da **ratio** infraestrutural do primeiro período do capitalismo. Falei em irracionalismo porque, primeiro destrói o próprio conceito de **fim** ao corporificar-se (a tecnologia) como tal, mesmo sendo **meio**; segundo, porque procura atribuir ao progresso tecnológico uma força estranha e independente das próprias circunstâncias que o geraram . Esse modo de encarar a evolução do processo científico conduz a uma visão mitologizante do conhecimento técnico, considerando-o uma panacéia para o desenvolvimento humano. O conhecimento científico, desvinculado de sua fonte geradora primária, adquire, como toda ideologia, vida própria e independente de sua base material.

Não é casual que a predominância de uma concepção de tecnologia como ciência pura, desligada de qualquer interesse próprio, alcance uma força surpreendente até mesmo nos meios críticos da sociedade. Superada, portanto, a "barreira material" que configurava o grande entrave para o livre desenvolvimento da ideologia - o aperfeiçoamento técnico tem levado os cientistas de todo tipo a aceitar o caráter autônomo da tecnologia - pode, assim, o processo técnico-científico continuar a sua trilha em direção a um mundo sem formas de consciência social definidas.

A alienação muda de grau mas permanece presa ao indivíduo. Esse fato faz acreditar que os indivíduos possuem uma esfera especial de "soberania individual" permitida pelo capitalismo como compensação pelas frustações e repressão das necessidades de emancipação. Essa esfera de soberania - "que não é fundada somente sobre desejo de consumo ou atividade de divertimento" - seria constituída por atividades sem fim econômico,[3] com finalidade em si mesma, produção e reprodução da vida etc.[4]

Em certo sentido, existe um forte motivo para pensar essa forma de "tempo livre", uma vez que este **tempo** destinado à expansão da autonomia individual permaneceria sendo o "tempo vazio do **lazer**, preenchido bem ou mal pelas diversões programadas dos "**mass media**", pelos mercadores de escapismo..."[5] O impasse, entretanto, permanece. As atividades **sem fim econômico** na sociedade pós-industrial eliminariam os efeitos produzidos pela alienação, quando se sabe que, em última análise, as instâncias tecnológicas e seus aparatos nada mais fazem que assegurar a estabilidade do *status quo*, e que, portanto, trata-se de

---

[3] *Ao expressar essa opinião, André Gorz ressalta que a idéia da ampliação da esfera de autonomia individual, que em outras palavras significa "A extensão das atividades do tempo livre", já era central em Marx. Se em parte essa afirmação é verdadeira, convém lembrar que isso só se torna possível, para Marx, nas condições de uma sociedade de produtores associados, isto é, onde as massas operárias tiverem condições de apropriarem-se do seu sobretrabalho. Cfr.Marx, K., Elementos Fundamentales para la Crítica de la Economia Política (Grundrisse), 1857-1858, México, Siglo XXI, 1987, Vol.2, p. 232; e Gorz, A., Adeus ao Proletariado, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1982, pp. 100-101.*

[4] *Gorz, A., op. cit., p.100.*

[5] *Ibid., pp.107-108*

preservar o domínio do capital por meios diferentes dos tradicionais, mas nem por isso menos aviltantes do ponto de vista cultural e moral?

Não se pode duvidar das intenções que buscam oferecer à existência individual novas opções e condicões de vida que estão além daquelas impostas pela dimensão do ser social. Mas é possível, como pretende André Gorz, separar a esfera do indivíduo do ser social, acreditando na impossibilidade de uma coincidência total entre ambas?[6] É difícil encarar o problema por esse ângulo, já que a tecnologia cria uma racionalidade que formula seu próprio sistema de valores, valores estes desvinculados de qualquer pretensão a ter características humanas e sociais.

O sistema na sociedade industrialmente avançada, como afirma Habermas, nos vincula a ele " de maneira singular e ao mesmo tempo alienada"[7], e a teoria socialmente eficaz não se dirige à consciência do homem, mas sim à consciência daqueles que se encontram voltados para a manipulação.[8] Essa impossibilidade prática de fugir à "totalidade" do **ser social** é fruto daquilo que o próprio Gorz chamou de "imperativo técnico". Se as regras, leis, regulamentos etc, de uma sociedade, definem as condutas técnicas e não morais - afinal, as regras são para cumprir, "não para se discutir"[9] - essas mesmas normas irão definir, sem dúvida, a "**técnica cultural**" da sociedade, e os valores éticos e morais estarão subordinados, naturalmente, àqueles imperativos.

Assim, não é que não existam condutas morais; elas se apresentam, isto sim como um fim puro e técnico em si

[6] *Idid., p.110.*

[7] *Habermas, J., Teoria y Praxis, Estudios de filosofia social, Madri, Editorial Tecnos, 1987, p. 290.*

[8] *Ibid., p.289.*

[9] *Gorz, A., op. cit., p.112.*

mesmo, direcionado a valorizar toda teoria que demonstre a sua eficácia (e utilidade) na manutenção de um modo específico de ser de uma determinada formação social.

Não há, portanto, uma substituição "pura e simples"[10] da "*exigência ética*" pelo "*imperativo técnico*", mas uma subordinação daquela a este que compromete todas as demais formas de consciência social que fazem parte da superestrutura de uma sociedade.

Do saber tradicional ao esclarecimento tecnológico

Assim, não é fortuito que as manifestações culturais em seus vários níveis se dêem, preferencialmente, hoje, por meios de comunicação em vídeo, cujo valor não está no conteúdo da transmissão, mas na **forma** moderna e sofisticada do aparelho receptor e, de modo secundário, na publicidade veiculada por meio do "*merchandising*". O mesmo ocorre, guardadas as devidas proporções e delimitações das esferas de atuação, nas universidades. E não é preciso recorrer aos últimos acontecimentos na área educacional brasileira, onde um projeto de "destruição" da Universidade encontra-se em pleno andamento.

Habermas, num texto escrito provavelmente no início da década de 70,[11] já apontava para problemas que pareciam ter dimensão universal. É sintomático que além da Alemanha, as discussões se estendiam para outro Continente, uma vez que mais de 70% dos contratos do Pentágono para investigação científica eram planejados pela economia privada que não se beneficiava apenas dos dividendos econômicos imediatos, mas do saber técnico que dali se derivava.[12]

[10] *Ibid., p. 113.*

[11] *Trata-se do capítulo "La transformación Social de la Formación Académica",incluido na obra de Habermas citada*

[12] *Ibid., p.346.*

A importância que tem o setor privado revela até que ponto estão entrelaçados o conhecimento técnico e o interesse do capital. Mas mostra também que a racionalidade técnica para atingir os seus objetivos não se limita a determinadas fronteiras nacionais. É, seguramente, um projeto mundial do denominado neoliberalismo na sua busca incessante de revalorizar o capital através da não interferência do Estado na economia, mas utilizando-o na salvaguarda dos seus interesses políticos e econômicos.

É fácil perceber que a *ideologia tecnocrática* do "novo" liberalismo só difere do antigo quanto aos seus aspectos formais. A dominação que ocorria pela via do *saber tradicional* sofre uma transformação de natureza mecânica, cuja metamorfose se dá agora no âmbito do conhecimento *técnico-científico*. Mas subjacente a este encontra-se uma velha relação nunca desfeita, mas ao contrário, sempre ampliada, relação antagônica entre o capital e o trabalho.

É verdade que mudaram as formas pelas quais essa relação se processa. O trabalho se torna **aparentemente** menos penoso[13] e a existência do tempo disponível parece contrariar as teses sobre a continuidade do trabalho excedente e da acentuação da miséria. Mas, por outro lado, o "tempo livre" não foi capaz de tirar o trabalhador da sua condição alienada, como de resto, e também apenas aparentemente, diminuiu o tempo de trabalho.

A liberação consentida pela tecnologia para que se pudesse dispor de menos tempo de trabalho não foi acompanhada por um projeto de reformas que destinassem ao trabalhador opções capazes de transformar seu tempo livre num novo modo de agir que despertasse para um modelo de vida mais elevado, mais pleno de satisfação. Restou-lhe, portanto, administrar o tédio, obrigando-o a suportar os reflexos de uma ideologia que o empurrava, de uma forma mascarada, para aumentar, novamente, a jornada de trabalho.[14] Essa contradição existente *entre a redução do trabalho necessário* e o *aumento do sobretrabalho*, faz parte da *lógica irracional* do sistema capitalista de produção, em função da própria forma de consciência que lhe é inerente.

O capitalismo em sua fase atual, onde o conhecimento técnico-científico alcança um estágio mais desenvolvido, impõe a presença da tecnologia nos mesmos parâmetros em que antes impusera a sua forma de supremacia política - o aparelho privado de hegemonia. Isso sugere que o conhecimento tecnológico surge aos olhos da sociedade, como um conjunto de experiências científicas colocadas à disposição da humanidade, independentemente de interesses particulares. Assim, a "**independência**" da tecnologia em relação a interesses específicos, confirma os aspectos ideológicos da"falsa consciência". Se existe, realmente, a mencionada independência da tecnologia face a interesses particulares, por quê tanto empenho por parte dos setores neoliberais em subtrair ao

[13] *A aparente diminuição da intensidade do trabalho consumido se desfaz na medida em que se descobre que "a fadiga muscular é substituida pela tensão e pelo esforço mental". Cfr. Marcuse, H., Ideologia da Sociedade Industrial, Rio de Janeiro, Zahar, 1967, p. 43.*

[14] *Convém fazer um paralelo entre um trecho contido nos Grudrisse, de Marx, onde ele afirma que o tempo disponível, ao contrário de trazer benefícios para o trabalhador, faz com que o capital se aproprie do conhecimento da ciência e da arte para aumentar o tempo de sobretrabalho, e um texto moderno onde se acentua que " o sistema de consumo fez com que o tempo livre empurasse o trabalhador para uma jornada de trabalho ainda maior" do que antes. Cfr. Marx, K., op. cit., p.231 e Galbraith, J.K., O Novo Estado Industrial, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968, pp. 394 e 396.*

Estado para a área dos investimentos privados todas as esferas onde o conhecimento científico está localizado?

A contradição se acentua, sobretudo, quando se sabe que no Estado do capitalismo monopolista os interesses em jogo também são interesses do grande capital. Isso parece demonstrar que do mesmo modo que as frações da burguesia se digladiavam no interior do Estado capitalista tradicional, as "frações da burguesia tecnológica" se enfrentam na sociedade industrial avançada. Parece que o mundo vive, sem perceber, a transição de um neo-hegelianismo a um neo-weberianismo.

Da mesma maneira que o "Espírito Absoluto" de Hegel encontrou no Estado o "fim da história", o "espírito do capitalismo" achou, na "deusa da tecnologia", a sua irracionalidade suprema. Só que não mais sob o império da "ética protestante", onde o trabalho era a própria finalidade da vida, mas uma ética fundamentada, sob todos os pontos de vista, na própria instrumentalidade do aparelho técnico. Os valores não são mais transmitidos **através** de mecanismos tecnológicos, mas **objetivados** enquanto tais.

Mas essa ética dos fins-enquanto-meios só se sustenta na proporção em que se admite a independência da tecnologia face a interesses específicos de grupos ou mesmo classes inteiras. Na verdade, a concepção de ciência pura, de determinados fins-meios efetivamente existe; mas como concepção abstrata, permitida pela ideologia que se manifesta na sua forma tecnológica . E não se pode dizer que seja uma ideologia tipicamente tradicional, nos moldes das ideologias dominantes até então. Ela parece possuir uma força bastante superior às demais, já que conseguiu obscurecer o pensamento dos mais talentosos e atentos críticos da sociedade industrial.

Novo mundo primitivo

Marcuse, que talvez tenha sido o que fez as mais profundas análises da dominação técnica no mundo moderno, parece, por um momento, admitir uma *vida própria* à tecnologia quando diz que "hoje a dominação se perpetua não apenas através da tecnologia, mas *como* tecnologia".[15] O que o diferencia dos demais é a sua percepção de permanência da alienação do homem e do *caráter ideológico da "falsa consciência"* que se desenvolve na *"sociedade unidimensional"*.[16] Mais do que isso, Marcuse reconhece a natureza histórica dessa racionalidade científica - cuja tendência é perecer - e não a reduz a "regras invariantes da lógica", como notou Habermas.[17]

Isso não invalida, porém, a idéia inicial contida aqui, da existência de uma "canonização" da tecnologia e a continuidade de um processo que passou de um estágio a outro mas não eliminou o conteúdo implícito nos novos mecanismos-o domínio do capital. Se, ao contrário do que se pensa, a relação sociedade moderna-conhecimento técnico for analisada como uma extensão natural de uma fase do capitalismo a outra, é possível compreender que a lógica da dominação atual é ainda a lógica da dominação do capital por outros meios.

Visto por esta ótica, está correto novamente Marcuse quando atribui à dominação do homem pelo homem, na realidade social, a um *"contínuo histórico que une a Razão pré-tecnológica e Razão tecnológica"*.[18] Ambas se identificam tanto com a noção de esclarecimento- o domínio per-

---

[15] *Marcuse, H., op.cit., p.154.*

[16] *Ibid., p. 31 e 32.*

[17] *Cfr. Habermas, J., "Técnica e Ciência Enquanto "Ideologia", in Os Pensadores, São Paulo, Abril Cultural, 1975, p.305.*

[18] *Marcuse, H., op. cit., p.142.*

tence a quem detém o conhecimento- quanto com o "reconhecimento" de uma subordinação econômica. Esse contínuo nos leva a compreender que o sistema de valores criado pela tecnologia termina por ser um sistema que, existindo já anteriormente, alcança um nível diferente na atual sociedade.

A degradação moral dos trabalhadores, da qual falava Marx n'*O Capital*, que transformava os seres em simples máquinas de fabricação de mais-valia, privando-os de todo valor,[19] não foi suprimida na sociedade tecnológica, mas apenas transformada.A miséria social foi substituida pela miséria cultural; à ausência de uma perspectiva de vida sobrepôs-se o vazio de uma vida sem perspectiva. Avoluma-se em algumas sociedades mais avançadas não só o tédio, a solidão, o consumo de drogas, a revolta interior, mas um horizonte de incertezas que tem levado homens e mulheres à angústia e ao desespero.

Em países mais atrazados, a miséria não atende à expressão metafórica que utilizamos para designar as formas modernas de suas manifestações, mas exprime o valor literal do termo. Não estão isentos, até mesmo, países ricos e protótipos da sociedade industrial avançada. Os guetos e a pobreza proliferam no arquétipo da nobreza tecnológica do primeiro mundo.[20] De qualquer modo, não podemos fechar os olhos ao progresso científico na maior parte dos países que compõem o bloco do chamado capitalismo desenvolvido.Contudo, isso não nos dá o direito de permanecermos passivos diante da forma moderna a que chegou a alienação

[19] *Marx, K., El Capital, Livro I Vol. I, México, Fondo de Cultura Econômica, 1978, pp. 324, 328 e 357.*

[20] *Uma análise mais detalhada sobre o assunto, inclusive documentada e respaldada pelos números, pode ser encontrada no livro de Messadié, G., A Crise do Mito Americano, Requiém para o super-homem, São Paulo, Ática, 1989.*

e a "despersonificação" do indíviduo nesse final de século.

O atual *modus vivendi* societário impõe a necessidade de um discurso fúnebre dessa recionalidade da não liberdade do homem, que o *impossibilita tecnicamente de "determinar a sua própria vida"*.[21] Este discurso, no entanto, já não pode ter como paradigma as velhas fórmulas do *Manifesto Comunista*, onde as conquistas da burguesia foram quase deificadas por Marx. A **Trump Tower** não é uma pirâmide egípcia e tampouco a ogiva nuclear é uma catedral gótica. E o que é sólido já não se desmancha no ar com tanta facilidade.

As comparações acabam aqui. É preciso perder o receio de encarar os problemas de frente, como se estivéssemos diante de mitológicas górgonas, e propor formas alternativas de tecnologia, onde o tempo livre se transforme em "atividades autônomas",[22] e não se veja enfeixado puramente nas categorias tradicionais de **repouso** e de **lazer**. Ao mesmo tempo é preciso tornar profano o conceito de conhecimento, desvinculando-o de toda forma "aurática" imposta pela "necessidade" da informação, o que tem gerado a maneira equivocada de conceituar o poder até hoje.

O poder do conhecimento especializado e técnico, produzido pela racionalidade científica moderna, ao por de lado a próblemática dos valores, considerando-os "*mitos*", faz da própria ciência um mito, transformando-a em ideologia".[23] Talvez seja o momento de perder a vergonha de parecer "ar-

[21] *Marcuse, H., op.cit., p.154.*

[22] *Um interessante estudo sobre esta questão, contrapondo ao conceito de contrário de trabalho a atividade livre autônoma e não simplismente as categorias de repouso e lazer, encontra-se no ensaio de Koshiba,L., "Do Socialismo Científico à Sociedade do Tempo Livre", in Teoria e Política, nº 15, São Paulo, Brasil Debates, 1990, pp.50-52.*

[23] *Cfr. Heller, A., A Filosofia Radical, São Paulo, Brasi-*

caico" e fazer retornar ao centro da questão o problema filosófico da racionalidade em relação ao valor, classificado pela sociedade burguesa de "tolice".[24]

Uma tentativa de conclusão - realizar a utopia

Os que aceitam a tese, hoje bastante divulgada e, de certo modo, até mesmo predominante na sociedade da "ciência ideologizada" de que a verdade é apenas a verdade dos fatos, quantifica a ciência, inclusive a ciência social, "esquecendo" que o mundo das ciências naturais (como de resto o das ciências exatas) é diferente do universo das ciências humanas.

Elimina-se, assim, qualquer possibilidade da filosofia cumprir hoje uma função que remonta à Antiguidade e que atravessou séculos até o presente, que é a de indicar ao homem o ideal de elevação ao nível do gênero, onde talvez resida o seu caráter de "utopia democrática".[25] "Não seria precisamente por causa disso que ela se tornou dispensável?"[26] (Sem entrar em pormenores, basta lembrar que o regime militar brasileiro baniu a filosofia do currículo das escolas secundárias). Ao contrário do que pensava Weber, quando fez menção à célebre passagem da caverna contida na *República* de Platão, a ciência não é vista de maneira diferente. Nem na sua época nem hoje. O **sol** (em termos mais explícitos, o conhecimento) continua a brilhar como a verdade da ciência. Apenas alcançou um outro nível, materializado no saber tecnológico, na informação.

Por um fim ao "novo ciclo teológico da história" não significa destruir o existente, mas enriquecê-lo com novo

liense, 1983, p.74.

[24] *Ibid., p.84*

[25] *Ibid., pp. 69-70.*

[26] *Ibid., p. 70.*

conteúdo (inclusive ético), uma concepção onde o homem não seja utilizado como puro meio por outro homem (com permissão de Kant), e onde a utopia - aquele elemento romântico das teorias realistas - não perca de vista o seu objetivo supremo: a plena realização do homem; ainda na terra.